

**Organizadores**  
Élton de Souza Costa  
Francêscó de Araújo Lopes

Projeto de extensão Fluxo Contínuo

# **IN** *campus* **JC**

Ciclo Dialógico – 2015

**Organizadores**  
Élton de Souza Costa  
Francêsko de Araújo Lopes

Projeto de extensão Fluxo Contínuo

# **IN*campus* JC**

**Ciclo Dialógico – 2015**



Natal, 2016





O projeto foi idealizado com a proposta de fortalecer os laços entre a comunidade do IFRN João Câmara e a Região do Mato Grande, através da realização de encontros de discussão para troca de conhecimentos e experiências, levando em consideração a função social do Instituto Federal.





# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>DIALOGACIDADE.....</b>	<b>11</b>
1.1 O DIÁLOGO PARA FORMAÇÃO HUMANA .....	12
Prof. Francêsko de Araújo Lopes	
<b>GÊNERO – SOCIEDADE E ESCOLA</b>	
<b>RESPEITANDO A DIVERSIDADE .....</b>	<b>19</b>
2.1 GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E EDUCAÇÃO .....	20
Emanuel Palhano	
2.2 GÊNERO E EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES .....	25
Profª Joicy Suely Galvão da Costa Fernandes	
2.3 O LUGAR DO GÊNERO NA PSICANÁLISE .....	29
Prof. Geraldo Freire de Lima	
2.3.1 Estruturas Psíquicas.....	30
<b>VIOLÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA VIDA .....</b>	<b>31</b>
3.1 DIREITOS HUMANOS: OLHAR TRANSVERSAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS.....	32
Magda R. S. Galindo Blaha	
3.2 A VIOLÊNCIA: ANÁLISE EM TRÊS VERTENTES .....	36
Prof. Geraldo Freire de Lima	
3.3 POR UMA CONSCIÊNCIA MAIS NEGRA EM TODOS OS RECANTOS DO BRASIL .....	38
Ana Paula de Lima Silva	
3.3.1 O racismo contra negros no Brasil: alguns apontamentos.....	40





3.3.2 Religiões de matriz africana e a intolerância religiosa no Brasil ..... 41

3.3.3 Algumas considerações..... 42

3.4 VIOLÊNCIA VERBAL: O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS ..... 45  
Rhena Raize Peixoto de Lima

**O LÚDICO NA FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO HUMANA ..... 49**

**AVALIAÇÃO GERAL DO I CICLO DIALÓGICO ..... 54**





# APRESENTAÇÃO

O projeto InCampus/JC – Ciclo Dialógico se caracteriza como um ciclo de encontros mensais abertos à comunidade externa. Busca-se propiciar momentos educativos que permitam a troca de saberes e experiências entre aqueles que compõem a comunidade acadêmica do campus João Câmara (IFRN/JC) enquanto instituição pública de ensino e de prestação serviços educacionais à comunidade na qual está inserido, propõe um intercâmbio entre todos aqueles que estão envolvidos nesse processo, sejam eles alunos, servidores, trabalhadores em geral da área de educação, bem como outros indivíduos de outras áreas interessados em contribuir com a troca de informações e experiências nos temas listados a seguir: *Dialogicidade; Gênero; Violência/valorização da vida; e Ludicidade/alegria.*

A demanda pela formação integral é, hoje em dia, uma realidade. Não se trata apenas de um direito garantido na Constituição Federal ou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Na tentativa de atender ao interesse da população do Estado do Rio Grande do Norte e de cumprir com sua função social, o IFRN tem cada vez mais investido tempo e recursos para ampliar o número e a qualidade de Projetos de Extensão e da prestação de serviços à comunidade externa. No sentido de aproximar a comunidade de sua produção acadêmica e cultural, de absorver as demandas locais por discussão de temas pertinentes à sua realidade e de proporcionar mais um canal de comunicação informal entre o IFRN/JC e a comunidade do Mato Grande, o projeto InCampus/JC - Ciclo Dialógico mostra-se necessário na medida em que amplia o diálogo e permite que a comunidade externa seja ouvida e traga suas perspectivas para uma instituição pública do prestígio do IFRN, que investe, consome e influi em seu funcionamento.



O debate e o diálogo com a comunidade do Mato Grande são grandes desafios apresentados para o IFRN/JC como espaço educativo e social, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intercessão no âmbito político e social mais amplo quanto à atuação pessoal. O debate, no entanto, não pode ocorrer de modo disciplinar, mas de maneira a considerar a transversalidade dos temas, superando a disciplinaridade e analisando a realidade com mais abrangência.

A transversalidade orienta-se pelos processos de vivência da sociedade em seu dia-a-dia, possibilitando estabelecer uma relação entre aprender os saberes sistematizados e as questões da vida real que interferem na vida coletiva, superando, com isso, a indiferença e criando-se a capacidade de intervir de forma responsável.

É por meio da dialogicidade e transversalidade que estão baseados os caminhos a serem seguidos para instituir possibilidades: o debate com análise e proposições educativas dos temas abordados, problematizados, entendidos, refletidos, interpretados criticamente, para que ocorra a tomada de consciência sobre esses, como representação da realidade, ressignificando o ambiente que rodeia esta sociedade.

**“O diálogo é essencial e imprescindível ao desenvolvimento do ser humano e no processo de aproximação e suas relações com o outro em todas as fases da sua vida”.**

O objetivo geral do projeto é estreitar as relações entre o IFRN-Campus João Câmara e a comunidade da Região do Mato Grande por meio da troca de conhecimentos e experiências, a partir de ciclos dialógicos que contemplam temas de interesse público já mencionados anteriormente.

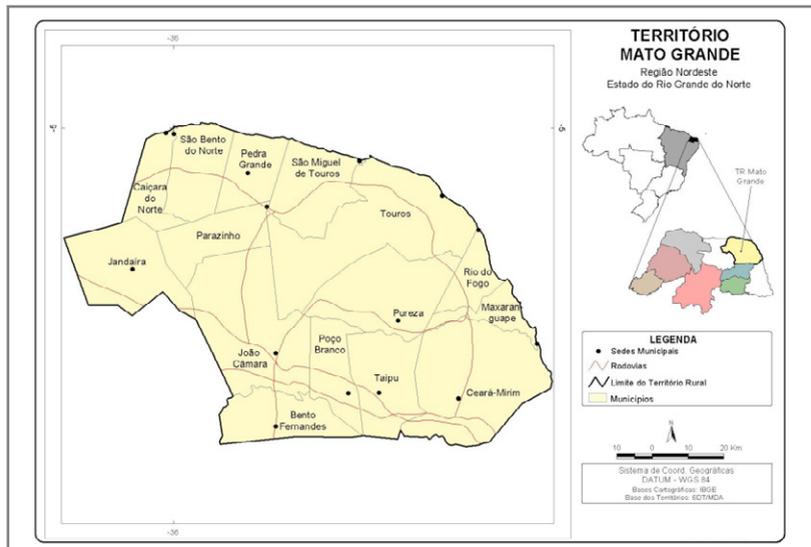




Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte. IFRN - Campus João Câmara



## Região do Mato Grande - Estado do Rio Grande do Norte



Fonte: [http://sit.mda.gov.br/images/mapas/caderno/tr\\_055\\_mato\\_grande\\_rn\\_fev\\_2008.jpg](http://sit.mda.gov.br/images/mapas/caderno/tr_055_mato_grande_rn_fev_2008.jpg)

**Mato Grande** é a região do estado do Rio Grande do Norte que compreende todos os municípios das microrregiões de Baixa Verde ao Litoral Nordeste. Apresenta uma posição geopolítica estratégica, uma vez que está localizada no ponto mais próximo do continente europeu e é servida por





três rodovias: a BR-406, a BR-101, que permite a ligação litorânea com o sul do País, e a BR 304.

O Território Mato Grande - RN abrange uma área de 5.758,60 Km<sup>2</sup> e é composto por 15 municípios: Bento Fernandes, Caiçara do Norte, Ceará-Mirim, Jandaíra, João Câmara, Maxaranguape, Pedra Grande, Poço Branco, Pureza, Rio do Fogo, São Bento do Norte, São Miguel do Gostoso, Taipu, Touros e Parazinho.

A população total do território é de 223.761 habitantes, dos quais 114.246 vivem na área rural, o que corresponde a 51,06% do total. Possui 6.665 agricultores familiares, 5.161 famílias assentadas e 1 comunidade quilombola. Seu IDH médio é 0,61.

## **Municípios**

---

Dos quinze municípios integrantes da região do Mato Grande, cinco são litorâneos e os demais são interioranos. Desses, três municípios tem uma função polarizadora como centro de serviços comerciais e de prestação de serviço: Ceará-Mirim, João Câmara e Touros.

Fonte: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br>





*“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”*

(Paulo Freire)





1

---

# **DIALOGACIDADE**

---

**Dialogador:**

Prof. Francêsko de Araújo Lopes – IFRN *campus* João Câmara





# 1.1 O DIÁLOGO PARA FORMAÇÃO HUMANA

*Prof. Francêsko de Araújo Lopes*

O diálogo pode ser entendido como uma ação peculiar dos seres humanos necessária para o seu desenvolvimento como ser histórico e social. É um ato no qual se estabelece uma interação, uma conversação para compartilhar ou divergir de pensamentos e ideias, dividir sentimentos, partilhar valores, criar laços emocionais e cognitivos entre os indivíduos que o realizam.

O diálogo foi uma ferramenta usada pelo filósofo grego Sócrates, pois este entendia que filosofar não se organizava com ações isoladas, mas com influência mútua entre indivíduos. Ele usava o diálogo em consonância com a razão como sistema de ensino para conduzir o interlocutor ao encontro da sua alma.

O diálogo socrático se caracterizava na confrontação das ideias e se iniciava fazendo uma pergunta ao interlocutor, parecendo não desejar ensinar nada. Após a resposta, Sócrates acentuava as contradições (dialética) e a insuficiência da resposta dada à pergunta feita, desconstruindo a concepção inicial (falso saber), mostrando, através da ironia, que a resposta dada está repleta de preconceitos recebidos, julgamentos subjetivos e não a compreensão procurada, conduzindo o interlocutor a fragmentar sua resistência e rigidez, liberando-o de sua vaidade e da ambição do saber tudo. Dessa maneira, o indivíduo está livre para entender melhor a si mesmo e passar a outra fase. No segundo momento, Sócrates indicava caminhos para que o interlocutor fosse capaz, por si mesmo, de encontrar uma nova resposta, concluindo em um novo saber, uma nova concepção (Maiêutica – parto de ideias) acerca da questão levantada.

Sócrates dirigia o diálogo inicialmente se expressando como um sujeito que almejava aprendizado e, com habilidade de raciocínio e de análise



crítica, colocava o interlocutor em situação de questionamento, revelando a fragilidade de seu conhecimento. O diálogo é uma ferramenta pedagógica e essencial de educação usada pelo filósofo com a finalidade de alcançar a verdade. No diálogo proposto por Sócrates nem sempre havia o anseio de chegar a um fim determinado para o que fora proposto e discutido com seus interlocutores, nem de resolver os problemas evidenciados. No entanto, se fundava na perspectiva de um falar livre e de um exercício de autorreflexão. Ressalva-se que muitas vezes o método socrático não atingia o objetivo de despir os interlocutores de sua vaidade e orgulho, resultando em muitas inimizades com o filósofo.

O diálogo é essencial e imprescindível ao desenvolvimento do ser humano e no processo de aproximação e suas relações com o outro em todas as fases da sua vida. É, também, elemento fundamental e basilar da educação pela sua notória importância no processo formativo e transformador na vida dos sujeitos.

Nesse sentido, Paulo Freire traz uma contribuição sobre a dialogicidade na educação na obra *Pedagogia do Oprimido*, a qual se toma como norteadora.

Freire compreende o diálogo como um requisito existencial e como um fenômeno humano. Este, contudo, não ocorre de qualquer forma, não é tão somente comunicação ou expressão de ideias e conceitos, é um encontro de seres humanos, sujeitos dialógicos, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo e também modificá-lo através da palavra.

**“Não há palavra verdadeira que não seja práxis (ação e reflexão em comumhão), que não seja com o compromisso de transformar o mundo”**

A palavra, para Paulo Freire, é algo além de um meio para ocorrência do diálogo, inflige a busca pelos seus elementos constituintes e essa nos conduz a duas dimensões: ação e reflexão. Essas dimensões interagem reciprocamente de maneira solidária que, imolada, ainda que em parte, uma





delas, se ressentem, a outra. O sacrifício da ação ocasiona uma palavra vazia, um verbalismo, sem revelação verdadeira é alienada e alienante. Já o sacrifício da reflexão acarreta o ativismo, origina um falso pensar, recusa a práxis e inviabiliza o diálogo.

Não há palavra verdadeira que não seja práxis (ação e reflexão em comunhão), que não seja com o compromisso de transformar o mundo. A dialogicidade, na perspectiva de Paulo Freire, está em permitir aos educandos também agir e refletir sobre processo pedagógico concreto, realizado, que não é um refletir exclusivo do educador. Assim, acercar-se a práxis, com ação e reflexão em simultaneidade e reciprocidade, uma “teorização do fazer” ou do “fazer teorizado”.

Ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, é no diálogo que a palavra encontra no outro recepção e sustentação, não é um acompanhar do pensamento do primeiro pelo outro. Implica em pensar, requer pronunciar o mundo e retorna problematizada aos indivíduos pronunciantes. Não se exaure numa relação direta de um com o outro (eu-tu). Não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar crítico. Para o crítico, o importante é a transformação permanente da realidade. Sem pensar crítico, não há comunicação. Sem essa, não há verdadeira educação.

Não obstante, o que aparenta ser tão simples e comum como o diálogo é repetidamente negligenciado ou mesmo difícil de ser estabelecido.

**“A dialogicidade[...] é fundamentada numa relação horizontal (educador-educando), assentada na humildade, na esperança, na solidariedade, na fé nos homens, no amor, tendo como consequência a confiança”**

Isso ocorre muitas vezes pela maneira como os sujeitos se colocam em situação de diálogo, do modo como enxergam o outro sujeito. O diálogo verdadeiro não se estabelece entre aqueles que querem pronunciar o mundo e aqueles que não desejam, nem entre aqueles que negam o direito aos demais de





pronunciar e aqueles que têm negado este direito, que é uma agressão desumanizante (Freire, 2015).

Numa situação dialógica cria-se uma comunhão e, por conseguinte, novos encontros humanos, nas quais prevalecem a espontaneidade das perguntas e respostas e o ser humano deixa-se ser e dizer para o outro, desvelando-se, conduzindo homens e mulheres para uma constante humanização, sendo cada vez mais homens e mulheres, pois é sempre gerador de esperança, suscitando novas formas de pronunciar o mundo.

A dialogicidade se firma num encontro na busca de algo, é respeitosa e solitária entre aqueles que acreditam que o mundo pode ser modificado, dito. É fundamentada numa relação horizontal (educador-educando), assentada na humildade, na esperança, na solidariedade, na fé nos homens, no amor, tendo como consequência a confiança, que implica no testemunho dado pelo indivíduo aos demais de suas reais e concretas intenções.

Os sujeitos dialógicos não usam o diálogo para impor a pronúncia da sua verdade como uma prescrição, também não é instrumento de conquista de um pelo outro, numa relação de dominação e opressão. É sim a conquista do mundo pelos sujeitos, como um ato de coragem, de criação e recriação, com a intencionalidade de libertação desses sujeitos pronunciantes. Para isso é necessário intenso amor ao mundo e aos homens.

Não existe dialogicidade com arrogância, pressupondo ser privilégio de alguns indivíduos, donos do saber e da verdade, que enxergam a ignorância apenas no outro (ser inferior). Dessa forma, a autossuficiência exclui o diálogo, é preciso humildade para proferir o mundo, abertura para os subsídios do outro, sem medo da superação. Sentir e saber-se humano igual ao outro (nem ignorante ou sábio absoluto) é possibilitar um caminhar conjunto e solidário na busca por saber mais.

O sujeito dialógico é crítico e possui uma intensa fé nos homens, isso é um elemento posto *a priori* no diálogo e sem essa é uma farsa. É a crença no poder dos indivíduos de fazer, de se transformar em situações concre-





tas de negação e alienação e renascer, podendo se constituir na e pela luta por sua libertação.

A confiança é decorrência do amor, da humildade, da fé, e vai dirigindo os sujeitos dialógicos de modo que cada vez mais estes sejam companheiros na pronúncia do mundo. Esse dizer do mundo impele que os atos coincidam com a fala. Falar em democracia na escola e não querer ouvir a fala dos estudantes é inadmissível.

Todavia, não existe diálogo sem esperança. Essa permanece na própria essência dos homens, seres inacabados, incompletos e imperfeitos, que estão em uma eterna busca de refazer e humanizar os homens, comprimida pela injustiça. É nessa perspectiva que aparecem as origens da educação em si, como manifestação exclusivamente humana, na incompletude dos homens e na consciência que dela tem. Nisso, a educação é um quefazer permanente, na razão da imperfeição dos indivíduos e do devenir da realidade. Quando tomado de consciência da realidade como histórica, os sujeitos se “apropriam” dela sendo, por isso, capaz de ser transformada por eles.

A concepção de uma educação de Freire supera e critica a transmissão do conhecimento sistematizado para os educandos como uma tábula rasa, denominada por ele como bancária. Acentua-se que a educação deve ter o compromisso com desenvolvimento humano, justiça social, de motivação a crítica da realidade pelos educandos. A educação para ele deve ser humanista e libertadora, se sucedendo dois momentos distintos:

O primeiro, em que os oprimidos vão desnudando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2015, p.57).

A ação dialógica possibilita a liberdade de expressão, se institui numa atividade pedagógica por excelência, outorga aos participantes do processo





de ensino-aprendizagem o controle da ação, da reflexão, pronunciando a realidade, criando e recriando sua compreensão crítica, sem prescrição de conhecimento. Dialogicidade demanda problematizar, consentir aos educandos o trabalho cooperativo para o despertar da concepção dialética do saber problematizado através de novos meios de elucidação dos fatos.

É crucial o educador romper com a perspectiva tradicional e bancária de imposição do conhecimento, de dirigir o processo ensino-aprendizagem ao reducionismo alienante da reprodução e memorização de concepções preconcebidas sobre a realidade, que é atitude autoritária, alienada e anti-dialógica, típica abordagem tradicional ou “educação bancária”.

A ação pedagógica do diálogo se inicia na procura temática dos conteúdos programáticos. Para Freire:

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação.

O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos Universo Temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores (FREIRE, 2015, p.121).

Os temas geradores são objetos de conhecimentos, usados para representar, investigar, interpretar, refletir e agir sobre a realidade de educandos e educadores. Podem adquirir caráter universal, ou serem mais peculiares, denominados de situações-limites. Nessa prática é imprescindível a tomada de consciência para o desempenho de ações transformadoras na realidade existencial.

Os seres humanos não se fazem no silêncio, todavia, na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. O diálogo, por ser fenômeno humano, se nutre de palavras verdadeiras que pronunciam e transformam o mundo, isso é





existir humano. A escola é um ambiente dialógico por natureza e deve proporcionar essas oportunidades de diálogo e modificação.

## REFERÊNCIA

---

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59.ed.rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.



---

# **GÊNERO – SOCIEDADE E ESCOLA RESPEITANDO A DIVERSIDADE**

---

## **Dialogadores:**

Emanuel Palhano – Advogado, Militante e Especialista em  
Direitos Humanos – UFRN, Mestrando em Ciências Sociais - UFRN

Profª Joicy Suely Galvão da Costa Fernandes –  
IFRN – *Campus* João Câmara

Prof. Geraldo Freire de Lima – IFRN - *campus* Lajes





## 2.1 GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E EDUCAÇÃO

*Emanuel Palhano*

No contexto social em que vivemos, somos acostumados a enxergar o mundo dividido em papéis desempenhados por mulheres e por homens. Esperamos que os homens sejam provedores, trabalhem no âmbito externo do lar, demonstrem força e pouca emotividade, usem roupas preferencialmente em tons de azul, cinza, preto, marrom, bege, etc. Em relação às mulheres, esperamos que as elas sejam meigas, delicadas, recatadas, tenham pendores domésticos e se dediquem aos afazeres do lar, gostem de maquiagem e adereços, optem por roupas coloridas, etc.

Quando estabelecemos os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres, inclusive a relação de poder e força entre eles, estamos falando sobre gênero, mais precisamente, papéis de gênero.

Tudo parece muito natural e inquestionável. Afinal, assim ensinaram nossas famílias, escolas, religiões, universidades, novelas, cinemas... Se é natural, não há o que questionar, assim pensa boa parte da humanidade. Contudo, de natural essa concepção nada possui, a começar com a singela ideia de que ser homem ou ser mulher é um fato promovido pela natureza. Ledo engano.

**“Quando estabelecemos os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres [...] estamos falando sobre gênero, mais precisamente, papéis de gênero”.**

Assim como tantas outras espécies, nascemos macho e fêmea. Desde a concepção da criança, inicia-se um bombardeio ideológico e cultural. Começa-se com a divisão entre azul e rosa para meninos e meninas, respectivamente. Depois, estimulamos os meninos





a usarem brinquedos interativos, a terem comportamento aguerrido, afirmamos que homem não chora e que se o garoto apanhar na rua irá também apanhar em casa, premiamos os beijos dados em garotas, estimulamos precocemente o namoro. Elogia-se o órgão genital masculino, chama-se de garanhão o jovem namorado. Para as meninas, restam as bonecas para aprenderem a cuidar dos seus futuros filhos, os joguinhos de fogão e panelas para que sejam treinadas para serem donas de casa, os estojos de maquiagem para que aprendam a se pintar, mandamos que fechem as pernas e tenham vergonha do seu órgão genital, afirmamos que devem ser “boas meninas” para que sejam iguais às mães, cerceamos suas paixões, castramos seus desejos e chamamos de vadia se a garota demonstrar interesse por mais de um rapaz.

Não precisa muito esforço para perceber que durante toda a vida e em todos os espaços somos trabalhados para viver papéis que a sociedade espera que venhamos a desempenhar, enquanto homens e mulheres. Assim sendo, nada existe de natural na definição desses papéis. Ao contrário, mais se assemelha a um processo de adestramento, com poucas possibilidades de predominância das vontades de cada um, pois até mesmo a nossa vontade muitas vezes é insuflada, induzida.

Uma das grandes provas de que os papéis de gênero são criações humanas e nada possuem de natural é que os referidos papéis mudam no tempo e no espaço. Um homem que vive no Brasil, no ano de 2016, não é igual a um homem que vive na França ou na Arábia Saudita. Uma mulher que frequenta a escola, usa calça jeans, tem o cabelo curto no presente momento, não é igual a uma mulher no mesmo Brasil nos anos de 1950, nem mesmo igual a uma mulher que mora na Alemanha, nesse mesmo instante. Tudo é variável, pois sofre influência dos valores da respectiva sociedade, da época vigente e da própria cultura.

É importante se perceber a construção dos papéis de gênero, uma vez que os mesmos se apresentam como desfavoráveis às mulheres. São as mulheres que arcam, ainda nos dias de hoje, com grande parte dos





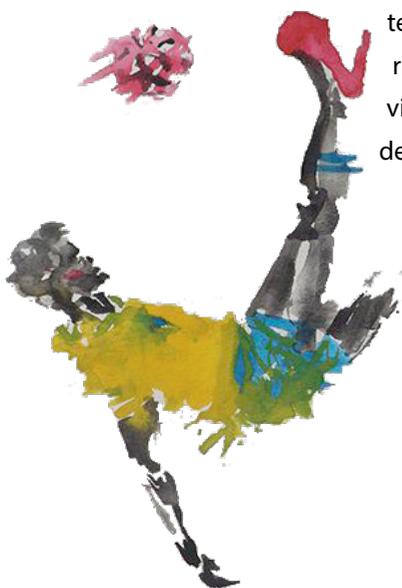
afazeres domésticos, mesmo possuindo uma vida profissional definida. As mulheres recebem, em muitas situações, salários inferiores aos homens, inclusive quando chegam ao topo da carreira profissional, como executivas. São as mulheres que sofrem abusos, são violentadas, agredidas, assediadas sexualmente em espaços de trabalho e estupradas. Toda essa pressão e violência é uma decorrência do papel subalterno destinado às mulheres e ao fortalecimento do ego masculino, trabalhado para ter todo poder e usar da força física quando achar necessário.

Abordou-se a divisão entre homens e mulheres. Contudo, não se pode deixar de falar que, em meio a essa dicotomia, existe também a questão da orientação sexual, que possui grande relevância e não pode deixar de ser discutida. Vivemos em uma sociedade heterossexista, ou seja, uma sociedade que elegeu ser “normal” a heterossexualidade, rejeitando-se todas as demais variantes da sexualidade, como a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, etc.

Da mesma forma como a sociedade elegeu os papéis de gênero, na questão da orientação sexual, a escolha da heterossexualidade como regra é também uma escolha e construção humana. A consequência dessa escolha é o preconceito e o ódio às demais variantes da sexualidade. Exatamente

por essa razão, alimentada pela família, escolas e religiões, é que se tem uma realidade de extrema violência com os homossexuais, a qual é chamada de homofobia.

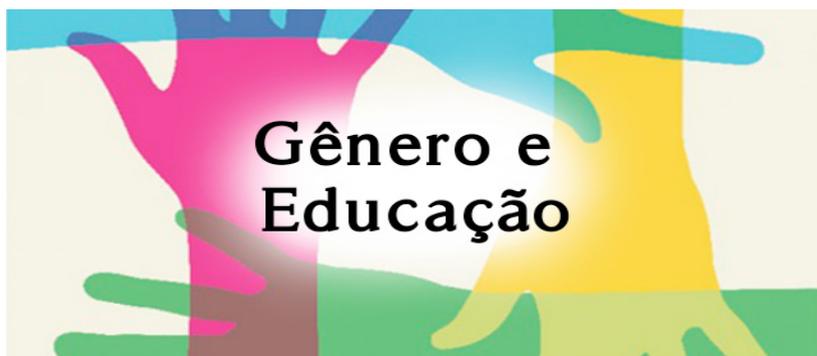
Infelizmente, o Brasil é o país recordista mundial de assassinatos de homossexuais, motivados apenas pelo ódio e preconceito contra os referidos cidadãos. Nem só de homicídios vive a homofobia: espancamentos, torturas físicas e psicológicas, humilhações, discriminações, abandono





por parte das famílias e negativas de trabalho fazem parte da rotina de cidadãos e cidadãs lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, os quais podem ser representados pela sigla LGBT.

Um outro ponto resta a ser colocado, para encerrar a exposição sucinta sobre gênero: há pessoas que não se coadunam com o sexo biológico que trouxeram ou com os papéis a elas impostos pelas sociedades. Estamos falando dos transexuais, os cidadãos e cidadãs que embora nascidos com um sexo biológico, identificam-se plenamente com o papel de gênero oposto ao do nascimento. Tais pessoas foram reprimidas e massacradas por séculos de imposições e, nos dias atuais, lutam pelo reconhecimento e por seus direitos.



Fonte: DE OLHO... (2016)

A discussão do tema gênero e orientação sexual se faz por demais pertinente no âmbito do processo de educação formal, uma vez que o referido sistema serviu de mola repressora e violadora dos direitos das mulheres

**“[...] como a sociedade elegeu os papéis de gênero, na questão da orientação sexual, a escolha da heterossexualidade como regra é também uma escolha e construção humana”.**

e dos cidadãos e cidadãs LGBT. Ainda hoje vemos escola fazendo divisão entre meninos e meninas, na cor azul e rosa, estimulando comportamentos





agressivos dos meninos, a passividade das meninas, permanecendo silente com as discriminações impostas aos alunos homossexuais e se fechando para discutir todas as falibilidades do processo educacional brasileiro.

Aprendemos desde muito cedo que devemos respeitar as pessoas. Contudo, esquecemos de dizer que, no contexto atual que se ensina, só respeitamos as pessoas favorecidas socialmente, homens, brancos e heterossexuais. Tudo o mais está em segundo, terceiro e, talvez, em nenhum plano.

As escolas, universidades, centros de ensino, enfim, todas as entidades que congregam o ensino formal estão descompassadas na luta pela igualdade de direitos e pelo respeito ao próximo, independente da condição que ele porte. Por tal razão, as questões de gênero e respeito às diversidades (sexual, racial, religiosa...) devem ser ponto de pauta do dia de hoje. Amanhã já é muito tarde.

O mesmo se diz à toda sociedade. O mundo violento e hostil da atualidade é fruto da violência, opressão e discriminação que semeamos ao longo de toda a história. Queremos um mundo melhor, isso é fato; mas, para mudar esse mundo, a maior mudança começa dentro de cada um de nós. Fica a proposta: repense seus valores e, na primeira oportunidade, tente agir com respeito ao seu próximo, não importando qual a diferença que ele tenha. Trate como gostaria de ser tratado.





## 2.2 GÊNERO E EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

*Profª Joicy Suely Galvão da Costa Fernandes*

Início com uma provocação, uma célebre frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher: torna-se”. Para quem não conhece, Simone de Beauvoir foi um dos grandes nomes da causa feminista no século XX. Para a pensadora, a mulher vive em uma sociedade patriarcal, dominada por homens, de maneira que o papel tradicional da mulher como esposa, dona de casa e mãe a aprisiona em uma condição na qual a sua vida e liberdade são definidas por seu marido.

Ser mulher, portanto, está relacionado ao aprendizado e à incorporação de uma série de papéis sociais que, historicamente, foram produzidos e identificados com a figura feminina, distinguindo determinadas características como sendo “masculinas” ou “femininas” nos mais variados contextos sociais.

Em cada período histórico e em cada cultura, algumas expressões do masculino e do feminino são dominantes e servem como referência ou modelo, mas isso não significa que devem ser tomadas como paradigmas. Podemos pensar que há tantas maneiras de ser homem ou mulher quantas são as pessoas. Cada um, apesar dos estereótipos de gênero, tem o seu jeito próprio de viver e expressar sua sexualidade.

Esses jeitos próprios de ser homem ou ser mulher contrariam pensamentos amplamente divulgados como, por exemplo, o de que “homem não chora” e não possa desempenhar

**“Em cada período histórico e em cada cultura, algumas expressões do masculino e do feminino são dominantes e servem como referência ou modelo”**





atividades domésticas, ou o de que a mulher seja um “sexo frágil” e não possa desempenhar atividades consideradas “masculinas”.

A diferença biológica, portanto, é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. Sexo é atributo biológico e está relacionado à reprodução da espécie, enquanto gênero é uma construção social e histórica dos papéis de homens e mulheres.

A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino. Gênero é um termo atualmente utilizado para definir e tratar da construção social da diferença sexual. Dessa forma, quando falamos em gênero, estamos evidenciando o que as sociedades entendem sobre o que é ser homem e ser mulher ou o que consideram ser masculino e ser feminino.

A construção dos gêneros masculino e feminino levam em conta o modo como o corpo é mobilizado socialmente para o aprendizado dos papéis sociais de homens e de mulheres. O uso do corpo está relacionado aos valores morais, culturais, políticos, bem como aos papéis de gênero difundidos por uma determinada sociedade. O corpo está submetido a um poder social que é exercido com o objetivo de produzir corpos docilizados, ou seja, corpos que sigam a um padrão.

Homens e mulheres são educados a seguirem padrões de comportamento e de uso do corpo, atribuindo a esses comportamentos explicações que naturalizam o ser homem e ser mulher, quando, na realidade, sexo e gênero são coisas distintas e precisam ser problematizadas.

Trazer essa discussão de gênero para o campo educacional é assaz relevante para problematizar práticas naturalizadoras da vivência de gênero, atendendo as demandas de reconhecimento dos mais variados grupos sociais para a promoção da dignidade, da liberdade e o direito à diversidade em uma sociedade plural como a nossa. O combate ao preconceito calcado em práticas baseadas em uma compreensão naturalizadora da vivência do gênero e da sexualidade é urgente em um contexto no qual as mais variadas condutas de ódio às minorias (mulheres, gays, lésbicas, travestis,





transgêneros, entre outras) tem se revelado em espaços público e privados, bem como nas redes sociais.

É preciso combater as práticas de feminicídio, homofobia e transfobia, pois a violência reflete a não aceitação do diverso e, frente a esse cenário contemporâneo, os jovens precisam estar preparados para lidar com as diversidades, visto ser a escola o espaço por excelência de formação para a cidadania.

Dentre as muitas ações que englobaram a discussão de gênero em nosso campus no ano letivo de 2015, podemos mencionar duas:

1. A sala temática “corpo e gênero” desenvolvida pelos alunos do curso de Administração, sob minha orientação, na I Semana de Artes, Desportos e Cultura (SEMADEC), que ocorreu no mês de fevereiro do referido ano;
2. O Seminário “Discutindo opressões”, realizado no âmbito da disciplina de Sociologia II, ofertada aos Cursos Integrados de Nível Médio em Eletrotécnica, Informática e Administração, problematizando temas como homofobia e transfobia, machismo, racismo, opressão contra a pessoa com deficiência, dentre outros.

Nessas duas atividades a disciplina de Sociologia teve destaque na condução dos trabalhos, de modo que os alunos puderam discutir tipos de preconceito relacionados a questão de gênero e sexualidade, bem como realizar atividades práticas que permitissem a reflexão através da experiência.

Para exemplificar, a sala temática trouxe “a teia de gato”, porta transpassada de elásticos em vários sentidos por meio da qual o visitante deveria atravessar sem o auxílio das mãos. Essa dinâmica foi sucedida por uma discussão sobre a história das mulheres no mundo do esporte e as dificuldades por elas vivenciadas em virtude do preconceito.

Já o Seminário “Discutindo opressões” propiciou momentos de pesquisa, estudos e debates acerca dos tipos de violência vivenciados por grupos minoritários e a criação de um manifesto fotográfico pelos alunos de combate às diversas formas de violência.





Foram experiências muito produtivas, mas ainda há muito a se fazer. A escola precisa assegurar a presença desse debate, de modo que nossa juventude seja educada para o respeito as diversidades – independente de seu credo religioso, pertencimento étnico e social – e, ao mesmo tempo, respeitando os pertencimentos de cada um. Por fim, encerro com o trecho de uma música de Pepeu Gomes que problematiza bem essa discussão: “ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino, se Deus é menina e menino, sou Masculino e Feminino”.



## 2.3 O LUGAR DO GÊNERO NA PSICANÁLISE

*Prof. Geraldo Freire de Lima*

### **EXISTIU UMA TEORIA DO GÊNERO EM FREUD?**

Freud nunca chegou a usar o termo “gênero”, até porque a língua alemã não permitia que ele o fizesse, dado que a palavra “Geschlecht” significa, ao mesmo tempo, “sexo” e “gênero”. No entanto, Freud fazia uma diferenciação conceitual bastante importante entre o “genital” e o “sexual”. O genital refere-se ao órgão e o sexual refere-se ao psíquico como um todo, é o caminho da libido, são as fixações libidinais.



Fonte: PSICÓSMICA (2015).

Seja lá qual for a estrutura psíquica do sujeito, o que define seu gênero, para a psicanálise, é uma “identificação” ou um processo identificatório que pode ser imaginário, simbólico ou real.



### 2.3.1 ESTRUTURAS PSÍQUICAS

---

**PSICOSE** – O processo identificatório é puramente imaginário. Não existe complexo de castração nem complexo de Édipo. É a estrutura própria dos transexuais (hoje, transgênero). O transexual geralmente demonstra repugnância ao seu órgão sexual de nascença, como algo que não pertence ao seu corpo. É o Transexual quem faz cirurgia de mudança de sexo.

**PERVERSÃO** – O processo identificatório é imaginário e real. O perverso sempre se identifica com a “mãe com falo” (mãe com pênis). O perverso entra no complexo de castração mas não completa, ele retorna, regride. Não existe complexo de Édipo. Só existe perverso do sexo masculino. É a estrutura própria dos travestis. O travesti é uma “mulher com pênis” (identificação com a mãe com falo). O travesti nunca, mas nunca, faz mudança de troca de sexo.

**NEUROSE** – O processo identificatório é imaginário e simbólico. Bissexualidade constitucional. Passa pelo complexo de castração e pelo complexo de Édipo. Partilha dos sexos (castração). Questões sexuais (ou de gênero) propriamente ditas. Os neuróticos podem até suportar algumas mudanças no corpo (na imagem), mas são limitados pelo real do corpo (a dor).

Apegar-se a comportamentos, sintomas físicos, fenômenos genéricos e traços de personalidades, além de poder caracterizar-se em ato de preconceito, é totalmente impróprio e ineficaz para se diagnosticar uma estrutura psíquica na clínica psicanalítica. Uma estrutura se define pelo “discurso do sujeito” e não por comportamentos. Um sujeito não muda de uma estrutura psíquica para outra, elas são determinantes. “Síndromes” e “transtornos” não são estruturas e em geral não fazem parte do vocabulário psicanalítico (psiquiatria, psicologia etc.).



---

# ***VIOLÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA VIDA***

---

Dialogadores:

Magda R. S. G. Blaha – Assist. Social –Esp. em Direitos Humanos

Ana Paula de Lima Silva - Historiadora

Profa. Rhena Raize Peixoto de Lima - IFRN - campus João Câmara

Prof. Geraldo Freire de Lima – IFRN - campus Lajes





## 3.1 DIREITOS HUMANOS: OLHAR TRANSVERSAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS

*Magda R. S. Galindo Blaha*

*Direitos Humanos* são aqueles direitos comuns a todos os seres humanos sem distinção de raça, etnia, cor, sexo, nacionalidade, laço social, religião, opção política, nível de instrução, orientação sexual e julgamento moral. São *Universais*, ou seja, pertencem a todos os membros da espécie humana sem distinção; São *Inerentes*, basta a condição de ser pessoa humana para que todos possam vindicar seus direitos violados, tanto no plano interno como no contexto internacional; São *Transnacionais*, ou seja, pertencem à pessoa independentemente de sua nacionalidade ou mesmo do fato de serem apátridas e São *Históricos*, agregando valores aos quais as sociedades venham atribuindo importância no decorrer de sua evolução. Tem como objetivo promover e proteger a dignidade humana em caráter universal.

São direitos INDISPONÍVEIS, INALIENÁVEIS e IRRENUNCIÁVEIS amparado em nossa Carta Magna - CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, em seu título I, dos Princípios Fundamentais, no TÍTULO I, Dos Princípios Fundamentais, em seu Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como funda-

**“Existem diferentes métodos para investigar violações de Direitos Humanos”.**

mentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político. Parágrafo único: Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.



No âmbito Internacional, os *Direitos Humanos* estão amparados nos SISTEMAS INTERNACIONAIS DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS que atuam através dos SISTEMA GLOBAL OU SISTEMA UNIVERSAL onde podemos citar a ONU e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Nos SISTEMAS REGIONAIS: Europeu, Africano e Interamericano.

Existem diferentes métodos para investigar violações de *Direitos Humanos* e exigir ações reparadoras e para que isso aconteça uma das formas é através de *Especialistas em Direitos Humanos* e *relatores especiais*, onde reúnem fatos, visitam prisões, recomendam métodos para consolidar o respeito aos tratados internacionais de DH, investigam situações em países específicos, conduzem estudos temáticos sobre tortura, intolerância religiosa, racismo, violência contra as mulheres, tráfico de crianças, dentre outros, bem como enviam comunicações urgentes a Governos solicitando a libertação de presos, a comutação de penas de morte, entre outras.

Atualmente temos vários desafios no contexto dos Direitos Humanos. A seguir listamos alguns deles, por exemplo, na área da Infância Adolescência e Juventude: fazer valer os seus direitos tais como Saúde, Educação, Brincar, Vida em família, Igualdade de tratamento, Proteção, Nutrição, Registro de nascimento, incluindo também as questões referentes aos Adolescentes atores de atos Infracionais, Violência Sexual, Exploração e/ou Abuso.

Outros, não menos importantes, desafios em *Direitos Humanos* são os combates a Pornografia, ao Tráfico de pessoas, ao Trabalho Infantil. As questões das Comunidades Tradicionais: Indígenas Ribeirinhas, Quilombolas, Ciganos, dos Refugiados, Pessoa com Deficiência, Idosos e Direitos das Mulheres, entre outros.

Para Reflexão sobre a problemática atual, alguns dados registrados no BALANÇO SEMESTRAL DO DISQUE DIREITOS HUMANOS - **DISQUE 100**, da Secretaria e Direitos Humanos do Governo Federal no primeiro semestre de 2015: 66.518 denúncias destas i) 63,2% violações de direitos humanos de crianças e adolescentes (42.114); ii) 24,2% de pessoas idosas (16.014); iii)





7,3% de pessoas com deficiência (4.863); iv) 0,8% de denúncias de violações cometidas contra a população LGBT (532); v) 0,5% de população em situação de rua (334); vi) 2,6% de pessoas em restrição de liberdade (1.745) e vii) 1,4% de denúncias de outras populações tais como quilombolas, indígenas, ciganos, violência contra comunicadores, conflitos agrários e fundiários, fundiários urbanos, intolerância religiosa, entre outros (916).

O **Ligue 180** é o telefone da Central de Atendimento à Mulher, um disque-denúncia do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos que é a principal porta de acesso aos serviços que integram a rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher. Foram registradas 32 mil ligações sobre violência contra a mulher, sendo 179 relatos de violência contra mulheres por dia em 2015.

Nas questões de Violência contra a Mulher, podemos citar: i) principais agressores: maridos, companheiros, namorados; ii) a cada 2 minutos 5 mulheres são espancadas no Brasil; iii) 6,8 milhões de brasileiras vivas já foram espancadas pelo menos uma vez; iv) que os tipos de violência se caracterizam por Física, Psicológica, Sexual, Moral, Patrimonial.

Com uma média de 13 mulheres mortas por dia em 2013, o Brasil foi o quinto país com a maior taxa de violência feminina entre as 83 nações com estatísticas disponíveis na Organização Mundial da Saúde (OMS). Apenas El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia têm taxas maiores. De acordo com o sociólogo argentino Julio Jacobo Waiselfisz, autor do estudo Mapa da Violência 2015, 50,3% dos homicídios de mulheres no Brasil são cometidos por parentes e 33,2% por parceiros ou ex-parceiros.

Muito embora tenhamos um amparo legal para penalização e criminalização da violência contra a mulher, os dados indicam, ainda, um grande número de violações de Direitos Humanos.

A saber:

- A Lei Maria da Penha, Lei Federal nº. 11.340/06, de 7 de agosto de 2006, cria mecanismos efetivos para coibir a violência doméstica





e familiar contra a mulher e reforça o estabelecido nos termos do §8º do art. 226 da Constituição Federal;

- A Lei do Feminicídio – Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, tornou o assassinato de mulheres qualificado quando feito por menos-prezo à condição de mulher.
- Nas questões da Violência Urbana mais de 42 mil brasileiros foram mortos por armas de fogo no Brasil; quase cinco brasileiros morrem por hora no País vítimas de disparos de arma de fogo de acordo com o Mapa da Violência 2015, apresentado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. O Brasil aparece na 11ª posição entre aqueles com mais mortes por arma de fogo.

Diante do que foi analisado fica a pergunta de Como Mudar essa realidade?

A efetivação de políticas públicas inclusivas se faz urgente. É preciso i) a presença efetiva do Estado na aplicabilidade das *Políticas Públicas* nas áreas de segurança, saúde, educação, assistência social, defesa social, dentre outras; ii) buscar através da transversalidade e intersetorialidade delas, a gradativa diminuição e a minimização dos problemas sociais apresentados; iii) investir na qualificação e capacitação dos atores envolvidos tais como gestores, agentes das áreas de segurança, saúde, professores, assistentes sociais e demais envolvidos, iv) equipamentos sociais adequados com infraestrutura e condições operacionais.

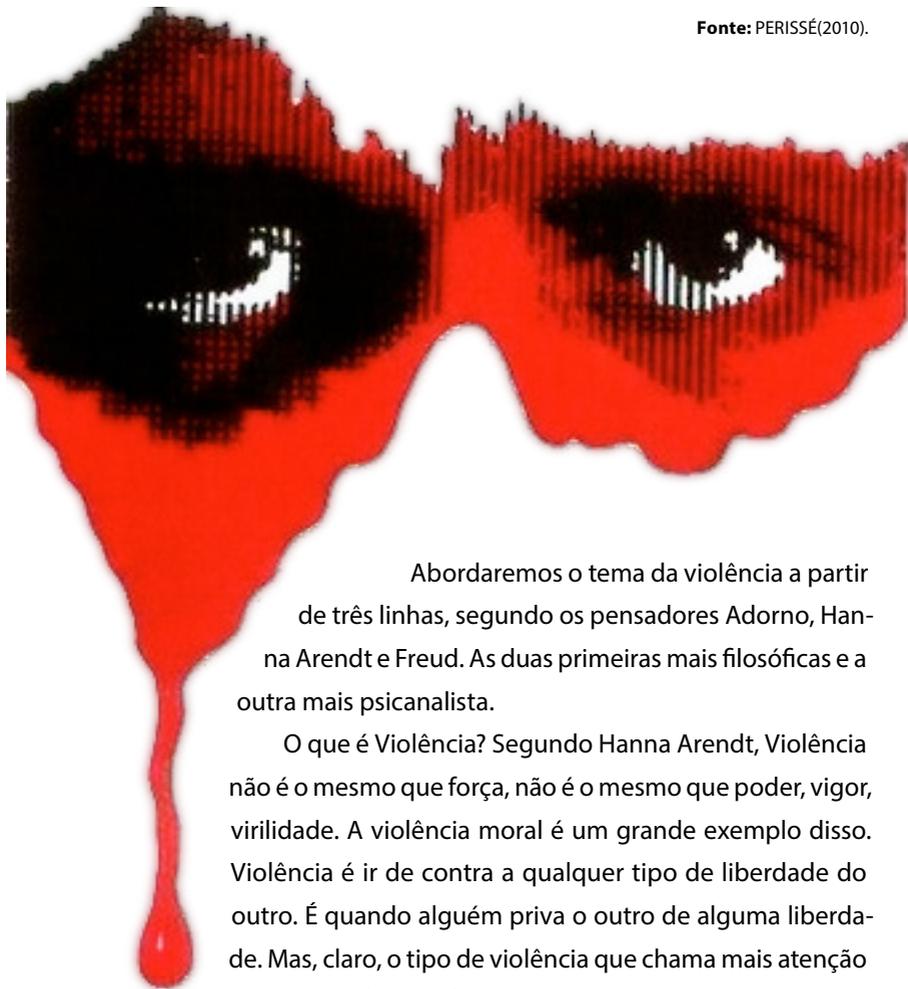
Por fim, outro fator importante é a *Educação em Direitos Humanos*. É responsabilidade primordial da educação discutir os valores culturais, religiosos e éticos, entre outros, que estabelecem as diretrizes comportamentais da convivência social. Os valores definem as ações, portanto, a prática da *cidadania*. É preciso construir uma cultura universal de *Direitos Humanos* e promover a tolerância.



## 3.2 A VIOLÊNCIA: ANÁLISE EM TRÊS VERTENTES

*Prof. Geraldo Freire de Lima*

Fonte: PERISSÉ(2010).



Abordaremos o tema da violência a partir de três linhas, segundo os pensadores Adorno, Hanna Arendt e Freud. As duas primeiras mais filosóficas e a outra mais psicanalista.

O que é Violência? Segundo Hanna Arendt, Violência não é o mesmo que força, não é o mesmo que poder, vigor, virilidade. A violência moral é um grande exemplo disso. Violência é ir de contra a qualquer tipo de liberdade do outro. É quando alguém priva o outro de alguma liberdade. Mas, claro, o tipo de violência que chama mais atenção é a privação da vida do outro.

A História é a história da violência. Quando nos perguntamos quais são os temas e assuntos que mais vimos nos livros de História, a resposta é simples: a História da humanidade é a história das guerras. Quantas e



quantas batalhas tivemos que decorar os nomes e as datas? O que era uma guerra até a primeira guerra mundial e o que é uma guerra hoje? A guerra hoje dispensa o uso de pessoas diretamente e se utiliza de máquinas, de tecnologia, um grande exemplo atual são os *drones*.

Hanna Arendt, assim como Adorno, chama a atenção de que a violência sempre necessita de instrumentos de violências. Ou seja, a violência é sempre instrumentalizada. E hoje a tecnologia chama bastante a atenção como um poderosíssimo instrumento de violência. A tecnologia nos dessensibiliza. Por quê? Porque nosso contato, nossa relação humana, passa a ser mediada por um instrumento.

Freud nos informa a respeito da “Pulsão de Morte”, que torna a violência bastante sedutora, excitante e pegajosa. A mídia em geral vende violência, é produto certo. Filmes, novelas, jogos. Somos estimulados à violência. A cultura absorveu a violência, banalizou a violência, ao ponto de crermos existir uma boa violência, a violência com regras, e uma má violência, a violência gratuita, a violência pela violência, pura manifestação da pulsão de morte.

O sistema capitalista nos impõe um clima social permanente de competição. Competimos na escola, no trabalho, em casa, na rua, no momento de diversão. A competição já está introjetada em nós, nem percebemos mais, está naturalizada. Adorno nos lembra que a competição, de todos os gêneros, é também uma das causas da violência em sociedade.





## 3.3 POR UMA CONSCIÊNCIA MAIS NEGRA EM TODOS OS RECANTOS DO BRASIL

*Ana Paula de Lima Silva*

Discorrer sobre as concepções de “ser negro” em um país que secularmente privilegia uns em detrimento de outros passa pela compreensão de que é necessário um encontro com a ancestralidade, com as raízes, com as origens dos vários povos de pele escura, de culturas diversas que vieram para o Brasil de variados lugares do continente africano em mais de trezentos anos de escravidão. Isso nos remonta a um passado de lutas, de segregação, de tempos em que os negros não tinham almas - eram enjaulados e transportados para uma terra estranha, para lugares distantes de seus sonhos, de suas famílias, distantes do que é ser humano.

No conduzir dessa reflexão me lembrei do singelo poema “Encontrei Minhas origens” do nosso saudoso poeta e historiador Oliveira Silveira (1941-2009) no qual ele aborda justamente esse encontro com o nosso passado negro e com as almas daqueles que para este país trouxeram seus corações os quais, apesar de amargurados pelas dores da escravidão, contribuíram e contribuem significativamente para a construção da nossa História - através dos seus modos de pensar e agir que hoje (século XXI) transbordam em todos os recantos do nosso imenso Brasil. Segue o poema:

### **ENCONTREI MINHAS ORIGENS**

*Encontrei minhas origens*

*Em velhos arquivos*

*Livros*

*Encontrei*

*Em malditos objetos*



*Troncos e grilhetas*  
*Encontrei minhas origens*  
*No leste*  
*No mar em imundos tumbeiros*  
*Encontrei*  
*Em doces palavras*  
*Cantos*  
*Em furiosos tambores*  
*Ritos*  
*Encontrei minhas origens*  
*Na cor de minha pele*  
*Nos lanhos de minha alma*  
*Em mim*  
*Em minha gente escura*  
*Em meus heróis altivos*  
*Encontrei*  
*Encontrei-as, enfim*  
*Me encontrei.*

As reflexões acima se fazem necessárias para compreender a proposta desse diálogo que se refere às percepções do mês de novembro como uma data em que se comemora e rememora as lutas e conquistas dos povos negros no Brasil do passado, do presente e da posteridade. É importante lembrar que o dia 20 de novembro (instituído pela Lei nº12.519 de 10 de novembro de 2011 como o dia Nacional de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra) é fruto de muitas mobilizações dos Movimentos Negros que se relacionam com variados espaços como universidades, organizações não governamentais, alguns militantes dos partidos políticos e outros segmentos sociais que tratam dessas questões tão profundas e marcantes da nossa sociedade.





### **3.3.1 O racismo contra negros no Brasil: alguns apontamentos**

---

No cerne desses movimentos e articulações está um ponto de extrema importância para se entender o “lugar do negro no Brasil”: o Racismo, responsável pela dizimação de milhões de pessoas ao longo desses mais de quinhentos anos de desigualdades sociais.

O racismo se encontra profundamente enraizado na sociedade brasileira onde parece haver uma “permissão” da conjuntura social, política e econômica que mostra quais os papéis que cada um deve assumir. Dessa

**“O racismo se encontra profundamente enraizado na sociedade brasileira”**

forma, apesar de serem mais de 50% da população nacional, os negros ainda são minorias nas universidades, nos espaços de poder e decisão; são os que mais

sofrem com as exclusões e vulnerabilidades sociais; são a maioria nas favelas, nas prisões; são os que ocupam os trabalhos menos dignos e recebem os piores salários.

Nesse entremeio há duas questões que merecem destaque. Primeiro, a questão dos jovens negros, que são cotidianamente atingidos por diversas formas de violências (tráfico de drogas, suicídios, prostituição, extermínio, entre outros) e que figuram uma realidade social de abandono e descaso, entrando nas muitas estatísticas de mortes, prisões, evasão escolar, maus tratos e exclusão social. São vidas ceifadas pelo racismo estrutural que se fazem presentes em todas as instâncias da sociedade e que minam as oportunidades de milhões de jovens negros em todos os lugares do país. A segunda é a questão referente às mulheres negras, que trazem consigo as marcas de uma sociedade machista, racista e preconceituosa. São realidades que se cruzam no tratamento desumano dessas mulheres que carregam em suas entranhas as heranças de um passado colonial violento o qual atentou e atenta contra sua dignidade e suas existências.

Para compreender melhor essa situação, recentemente foi lançado o “Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil” e seus dados





mostram: “As taxas de homicídio de mulheres brancas caíram 11,9%: de 3,6 por 100 mil brancas, em 2003, para 3,2 em 2013. Em contrapartida, as taxas das mulheres negras cresceram 19,5%, passando, nesse mesmo período, de 4,5 para 5,4 por 100 mil”. Dessa forma, é visível as ações violentas seguidas de morte sofridas pelas mulheres negras em função da sua cor neste país.

Essas duas situações vivenciadas por grande parte da população negra no Brasil mostram as faces silenciosas de um racismo desestruturante que diariamente mina as oportunidades, os acessos e ascensão desses segmentos sociais.

### **3.3.2 Religiões de matriz africana e a intolerância religiosa no Brasil**

As religiões de Matriz Africana (entre as quais estão o Candomblé, o Batuque, a Umbanda, entre outras denominações), cada uma com seus ritmos, seus fundamentos e vivências, foram estruturadas a partir de algumas concepções religiosas vindas para o Brasil com os africanos nos processos de escravidão. Essas manifestações religiosas se configuram em espaços de resistências e manutenção de tradições as quais se perpetuaram ao longo do tempo através das lutas de muitas pessoas que encontraram na ancestralidade a fé de um povo esquecido nas suas lamúrias e abraçados pela força de suas divindades.

A casa do “Povo de Santo”, como são conhecidos os adeptos dessas religiões, é um lugar sagrado que guarda a história, as raízes de nossa cultura Negra, o vibrar dos nossos tambores e preservam o canto dos nossos ancestrais. Cada símbolo, cada roupa, cada cor traz consigo uma leva de significados que transmitem suas crenças de geração em geração.

Apesar de o Brasil ser um país laico, essas religiões de matriz africana são amplamente invisibilizadas através de processos de discriminação, preconceito e intolerância religiosa. A grande maioria dessas religiões tidas como afro-brasileiras, assim como seus adeptos, já foram alvo de algum ato que se configura como intolerante. Essas invisibilidades são percebidas em





diversos momentos quando, por exemplo, a sociedade se mantém fechada em suas verdades absolutas ou essas crenças e seus modos de pensar e agir não são bem-vindos nas escolas. Enfim, essas expressões de fé sobrevivem pela resistência e vontade das pessoas que encontram nela suas origens e os sentidos de suas vidas.

A intolerância religiosa, assim como o racismo, é um fenômeno que está enraizado nas estruturas das nossas sociedades. Muitas vidas se vão em nome dessas fés cegas e de uma verdade única. É preciso refletir sobre nossas concepções de mundo, sobre a necessidade de conviver e respeitar o outro e suas escolhas.

### **3.3.3 Algumas considerações**

---

Diante dos pontos e reflexões discorridos ao longo deste texto, é necessário compreender que a humanidade, desde os tempos mais remotos e em muitas civilizações, passou por longos e nocivos processos de desumanização, em que alguns grupos sociais detêm privilégios econômicos e políticos sustentados em ideologias prontamente hierarquizadas em que uns merecem ser mais humanos do que os demais.

Nosso país é alicerçado pelas desigualdades sociais que assolam mais severamente alguns segmentos sociais como os negros, negando a eles direitos que são para todos independentemente de cor, sexo ou religião. No desenrolar dessas disparidades, os jovens negros se deparam com a realidade da discriminação e violências que os levam a compor as estatísticas dos ranques nacionais e internacionais, onde o Brasil aparece como um dos países que mais mata sua juventude, e essa tem cor e classe social: ela é negra e pobre.

Da mesma forma são as situações das mulheres negras e dos adeptos das religiões de matriz africana que precisam forçadamente conviver com a negação de seus direitos, com a invisibilidade social e com as ações violentas de um país racista, machista e intolerante. São as faces que não são vistas e compreendidas diante da diversidade social e cultural do Brasil.

Concluo com uma célebre frase de Nelson Mandela (1918-2013) que mostra o que é imprescindível ver na humanidade, o que é importante





aprender em nosso dia-a-dia e por quais bandeiras lutar enquanto movimento social: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta”.

## REFERÊNCIAS

---

**Lei Nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.** Presidência da República. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12519.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12519.htm)>. Acesso em 24 de novembro de 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Inclusão Social um debate necessário? Disponível em <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acesso em 24 de novembro de 2015.

NELSON, Mandela. **Ninguém nasce odiando outra pessoa...** Pensador UOL. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzY0Nzkx/>>. Acesso em 25 de novembro de 2015.

SILVEIRA, Oliveira. **Encontrei minhas origens.** Blog Gramática e Linguagem. Disponível em <<http://gramaticaelinguagem.blogspot.com.br/2010/11/poema-encontrei-minhas-origens.html>>. Acesso em 24 de novembro de 2015.

STECK, Juliana. **Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade.** Jornal do Senado, Edição de 16 de abril de 2013. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>. Acesso em 25 de novembro de 2015.





WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015. Homicídio de Mulheres no Brasil**. Flacso Brasil, 1ª Edição – Brasília – DF -2015. Disponível em <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em 25 de novembro de 2015.





## 3.4 VIOLÊNCIA VERBAL: O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS

*Rhena Raíze Peixoto de Lima*

Como todos podemos constatar, o espaço das redes sociais constitui-se, nos dias de hoje, como uma oportunidade para que usuários de todo o mundo, pertencentes a grupos sociais variados, exponham seu olhar e seu posicionamento sobre temas diversos. Essa facilidade de expor e compartilhar opiniões proporciona também a propagação de discursos preconceituosos, que se manifestam de forma agressiva, denegrindo a imagem de alguns indivíduos ou constrangendo-os devido a alguma característica física, comportamental ou cultural, entre outras. Geralmente esse tipo de discurso se apresenta quando o agressor está, ou pensa estar, em uma relação de poder diante do agredido.

Quando isso ocorre, podemos dizer que houve uma violência verbal, uma vez que, mesmo que agressor e agredido não estejam próximos fisicamente, a violência se desen-

**“Essa facilidade de expor e compartilhar opiniões proporciona também a propagação de discursos preconceituosos”**

cadeia por meio das palavras publicadas. E, embora suas consequências, na maioria das vezes, não apresentem marcas visíveis, imediatas, esse é um tipo de violência que permeia todos os outros tipos existentes na convivência em sociedade, pois é por meio deles que fomentamos e difundimos posicionamentos preconceituosos sobre variados grupos sociais. Esses posicionamentos, por sua vez, autorizam agressões físicas que podem trazer diversos conflitos, inclusive a morte do sujeito agredido. Mesmo não chegando a isso, esse tipo de discurso nega, diariamente, direitos de determinados grupos.



Para compreender melhor como isso ocorre, é necessário compreendermos a língua e todas manifestações da linguagem como práticas sociais, isto é, a sociedade é construída, mediada pela linguagem, sobretudo pelas palavras/discursos que circulam em nosso meio (MOITA LOPES, 2006). Conhece-se uma sociedade ou um sujeito falante conhecendo os textos que eles produzem. Desse modo, é preciso que sejamos precavidos ao construirmos nossos textos, sejam eles escritos ou oralizados, pois estamos construindo não apenas textos, mas, o mundo a nossa volta. Além disso, um texto produzido nada mais é do que um fio na grande teia discursiva, pois cada enunciado produzido retoma os que lhe antecederam e antecedem os que lhe sucederão. Assim, um dizer preconceituoso contribui e dá suporte para outros discursos que apresentam o mesmo posicionamento.

Nesse contexto, a violência verbal nas redes sociais possui características para as quais devemos atentar e que contribuem para sua propagação. A primeira delas é o alcance. Uma postagem em uma rede social que ofende um sujeito pela sua pele de cor negra, por exemplo, pode ser compartilhada e vista por usuários no mundo inteiro e, portanto, a agressão atinge não apenas a pessoa negra objeto da agressão, mas a todos os que fazem parte dessa etnia e que tenham contato com a postagem, como também contribuirá de forma significativa para que pessoas das demais etnias confirmem ou construam uma imagem negativa da pessoa negra de um modo geral. Outra questão é a sensação de anonimato e de afastamento provocada pelo mundo virtual. Os usuários dessas redes, por estarem distante fisicamente do objeto da agressão, sentem-se mais livres para gerar violência.

A agressão verbal também pode ser mais sutil. Uma mulher pode ser ameaçada por seu marido apenas com algumas palavras ao pé do ouvido, de modo que, a uma certa distância, a cena signifique para alguns passantes apenas uma conversa de casal. Essa sutileza permite que a violência verbal transite em espaços em que jamais se pensaria haver violência, como em uma igreja, por exemplo. Por fim, as punições para os que praticam atos de violência verbal tendem a ser mais brandas, por considerar-se que essa





violência é menos prejudicial à convivência do que qualquer outro tipo de violência física.

Ao falarmos sobre essa questão, também não podemos deixar de mencionar a frequente confusão que existe entre a liberdade de expressão e o discurso do ódio.

É comum as pessoas justificarem seus dizeres violentos alegando o direito constitucional que lhes é dado para se expressar livremente. Porém, o que essas pessoas não reconhecem é que o direito à expressão, como qualquer outro direito, possui limitações.

Para Meyer Pfluga (2009), a partir do momento em que, para se expressar, nós necessitamos discriminar, desvalorizar, negar direitos a determinados indivíduos, ou até mesmo incitar violência contra eles, estamos, sim, construindo um discurso de ódio, uma das formas mais atuantes da violência verbal.

Portanto, expressar uma opinião, por mais desagradável e inaceitável que ela seja para o outro, não se constitui um problema. Porém, enquanto falante de uma língua, tenho obrigação de: conhecer as expressões que possuem valor negativo para os falantes dessa língua; saber o que o contexto em que as expressões são utilizadas provoca em seu significado; conhecer as palavras que depreciam a imagem do outro, ou termos chulos e de baixo calão direcionadas a esse outro para que possa evitá-las. É importante sempre lembrar também que antes de nós usarmos as palavras, elas já existiam e já foram valoradas e utilizadas diversas vezes por outros falantes com intenções específicas. Assim, não é justificável dizer que não se teve a intenção de agredir o outro. Na verdade, o que há nesses casos, no mínimo, é a falta de conhecimento das expressões e construções textuais da língua utilizada.

Após essa breve discussão, muitos podem pensar que o melhor mesmo é calar-se, não se envolver com questões que sinalizam polêmicas. Sobre isso, é válido destacar que outra forma de violentarmos o outro é por meio da omissão. Silenciar diante de uma violência é ser antiético, segundo Bakhtin (2010), tendo em vista que o silêncio também é uma forma de se posicionar, poden-





do significar convivência ou indiferença diante do ato. Da mesma forma, impor o silêncio ao outro, negar-lhe o direito à voz também simboliza violência.

Para finalizar, é preciso atentarmos para o fato de que uma das formas de reduzir atos de violência em nossa sociedade é reconhecer como ela se manifesta por meio das palavras. Além desse reconhecimento, precisamos nos conscientizar de que as redes sociais são um espaço propício para que esse tipo de violência se manifeste e que, portanto, precisamos ser cautelosos em nossas postagens e, ainda, nos posicionarmos de modo a conscientizar os usuários das redes desse problema. Convivemos diariamente com atos de violência, seja na rua, nas escolas, na televisão. Contudo, na maioria das vezes, nos enxergamos como vítimas, jamais como algozes. Talvez porque estivemos (e ainda estamos) de olhos voltados para todo e qualquer tipo de arma física e menosprezamos a arma mais poderosa de todas: a palavra. É ela que autoriza todo e qualquer ato de violência, torna-o banal e alimenta pouco a pouco a intolerância nossa de cada dia.

## REFERÊNCIAS

---

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

MEYER PFLUG, S. R. **Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: orientação dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, R. L.; BOLZAN, L. Q. **Discurso de ódio**: Liberdade de expressão ou violação dos direitos humanos? In: SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EX

TENSÃO, XVI, 2012, Santa Maria - RS. Disponível em <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/trabalhos/7616.pdf>>. Acesso em: 22/01/2016.





4

---

# O LÚDICO NA FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO HUMANA

---

**Dialogadora:**

Prof<sup>ª</sup>. Sonia Cristina Ferreira Maia IFRN – *campus* João Câmara





## 4. O LÚDICO NA FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO HUMANA

Os seres humanos precisam interagir uns com os outros para se tornarem mais humanos, sem a preocupação de usufruir dessa interação com o pensamento centrado na produção e sim na construção do eu consciente. Moraes (2003, p. 48) destaca que para aprender sob o ponto de vista autopoiético, tornam-se necessárias interações recorrentes para que o fenômeno da educação e da aprendizagem seja também um fenômeno de transformação estrutural que ocorre a partir da convivência social. Para cogitar essa transformação a partir do convívio social faz-se necessário uma reflexão sobre si mesmo, como aponta Paulo Freire:

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem 'distanciar-se' para admirá-la e, assim, transformá-la, faz dele um ser 'fora' do tempo ou 'sob' o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ser 'seria' um perpétuo presente, um eterno 'hoje'". (FREIRE, 1979, p. 7-8)

Para Paulo Freire (1979), o ser humano, para compreender o processo de transformação a partir da sua própria criação, precisaria afastar-se, distanciar-se do seu contexto para ficar com ele mesmo. Só assim ele seria capaz de comprometer-se consigo mesmo. Paulo Freire (1996) ainda aponta que a alegria e a esperança devem ser ressaltadas no espaço pedagógico.



Essa alegria necessariamente não precisa estar no educando, mas o professor deve favorecer um clima ou atmosfera para que a alegria flua nas atividades educativas, como também no educando. E a esperança é necessária e da natureza humana, sendo indispensável às experiências do ser humano.

A alegria, a ludicidade, a brincadeira, o lazer que favorecem ao gozo lúdico foram negados enquanto vivências corporais ao longo dos tempos por serem considerados como “não sérios” e principalmente no seio acadêmico porque o corpo não poderia se expressar exacerbadamente, tendo em vistas que precisaria ser controlado socialmente ainda como pensamento da “ordem e progresso”.

**“A alegria, a ludicidade, a brincadeira, o lazer que favorecem ao gozo lúdico foram negados enquanto vivências corporais ao longo dos tempos”**

Pensar numa educação com alegria e beleza precisaria, de acordo com Moraes (1997), de uma nova educação para a Era das relações que requer que a inteligência, a consciência e o pensamento, assim como o conhecimento, sejam vistos como estando em processo, em continuidade, e que o produto resultante de cada uma des-

sas atividades nunca estará completamente pronto e acabado, mas num movimento permanente de “vir a ser”, tal como o movimento das marés constituído de ondas de reflexão que se desdobram em ações e que se dobram novamente, concretizando-se em novos processos de reflexão sobre as ações desenvolvidas. É um movimento recursivo de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação. Requer a reflexão crítica sobre a práxis histórica.

Essa viagem de ida e volta para aperfeiçoar o aprendido leva-nos a refletir sobre nós mesmos e a nossa participação na sociedade aprendente, permitindo a compreensão do inacabado no ser. Dessa forma, busca-se constantemente uma autoformação que ajuda a construir o caminho dessa





viagem. Nesse sentido, o estudo defende um sistema autopoiético baseado nas seguintes categorias: autotelia; autoliberação; autoconectividade; autovalia; e autofruição. A **autotelia** é a propriedade do lazer que o define como uma vivência que tem um fim em si mesmo, voltada para a própria subjetividade de cada um, traduzindo escolhas, desejos que refletem autonomia e autodeterminação.

A **autoliberação** refere-se à capacidade do indivíduo para se liberar das obrigações institucionais que comprometem o seu tempo existencial para poder concretizar os seus desejos vivenciais de criação e expressão de si mesmo como autêntica forma de lazer.

A **autoconectividade** representa a propriedade do envolvimento e da implicabilidade do ser consigo mesmo para poder se conectar como personalidade criadora com os outros e com o mundo. Isso significa reconhecer o papel fundamental da autoconsciência e da corporeidade no mundo das relações ecopoiéticas, ou seja, refere-se à capacidade de conexão com os outros sistemas autopoiéticos.

A **autovalia** diz respeito à gratuidade, ao valor atribuído pelo sujeito às suas escolhas no lazer. É a própria subjetividade responsável por determinar o valor das vivências do lazer para a criação e a recriação de si mesmo, para a sua alegria de viver. Não existe como valor de troca, mercantilizado pela cultura de consumo, pois o valor do usufruto do lazer deve ser um autovalor definido pelo próprio sujeito.

A **autofruição** significa o estado vivencial de alegria como meta a ser alcançada pelo sujeito na realização de seus desejos ludopoiéticos de expressão de si mesmo por si mesmo como vivência plena de lazer. Pensar essa reflexão na sociedade é fazer presente a corporeidade, é perceber a noção da interconectividade existente entre os fenômenos da natureza que leva a compreender que o ser humano aprende com as sensações, emoções, intuição, sentimentos e não única e exclusivamente usando a razão e o intelecto.





Essa interconectividade de sentimentos deverá estar presente na teia educacional representando um conjunto de informações e conhecimentos que o indivíduo possui, pela sua capacidade de imaginação, de intuição, de criatividade, em busca de soluções aos problemas apresentados cotidianamente. Pensar esses conhecimentos como uma teia de conexões é compreender a existência de uma totalidade indivisível que nos traz uma nova consciência de nossa relação consigo e com a natureza, o que nos leva à compreensão de uma fraternidade e de uma solidariedade mais acentuadas que nos permite mais significados para a vida.





5

---

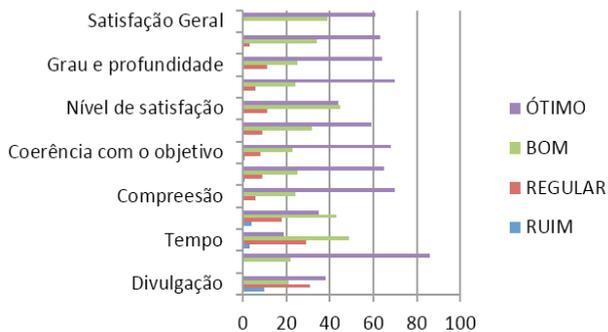
# **AVALIAÇÃO GERAL DO I CICLO DIALÓGICO**

---

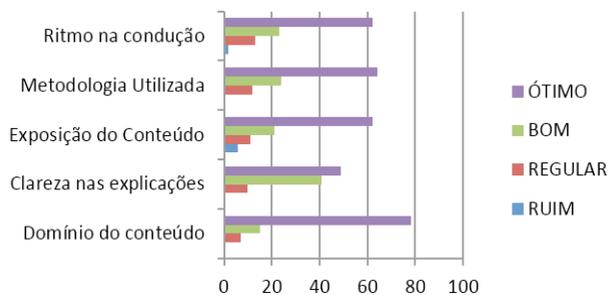




## 01 - Organização, Estrutura e Conteúdo:

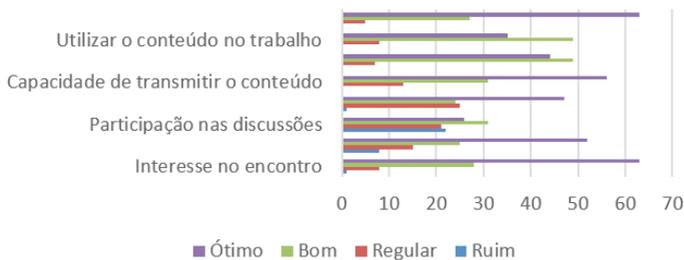


## 02 - Palestrantes/colaboradores:



## 03- Auto-avaliação:

### Auto-avaliação

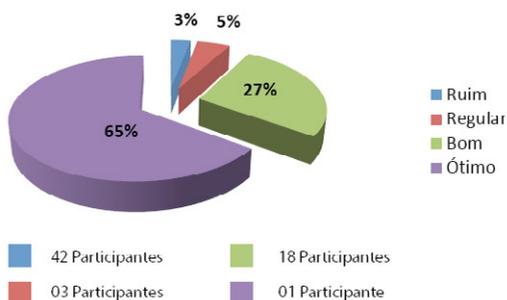




## 04- Avaliação geral do I Ciclo Dialógico:

---

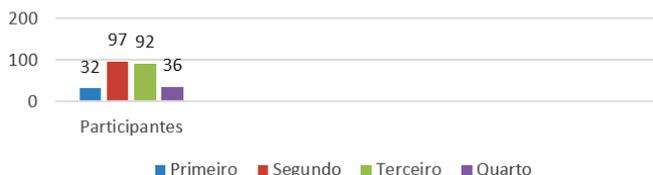
Média da avaliação dos quatro encontros



## 05 – Acompanhamento do público participante nos encontros:

---

Número de participantes



## 6 – Sugestões de temas para o próximo encontro:

---

Os temas sugeridos não foram relacionados pois o interesse é de fomentar os próximos diálogos.

## 07 – Comentários referentes aos encontros:

---

“O Ciclo Dialógico foi bom. Mas deixou a desejar pelo motivo de ter abordado um tema amplo e complexo ao mesmo tempo. Seria melhor que fosse debatido as várias violências apresentadas em vários outros dias, pois seria interessante até para os ouvintes participarem mais...”





“Muito interessante essa iniciativa da instituição e todos os responsáveis. Espero que continuem com esses encontros e que continuem repassando esses conhecimentos que são importantíssimos para toda sociedade.

Parabéns a todos pela iniciativa e muito sucesso nos próximos encontros.”

“Evento satisfatório para o conhecimento de cada um dos ouvintes presentes, pois está relacionado diretamente com as relações sociais, objetivando a equidade e o crescimento social. Dentro dessa perspectiva, a realidade social de ‘invisibilidade social’ em que nos encontramos no momento é uma questão a ser discutida e ponderada de modo que a objetivação do conhecimento possa mostrar ideais e jamais extintos...”

“Quero agradecer ao IFRN-JC pela oportunidade para que eu possa adquirir e tirar dúvidas nas várias áreas conhecimentos, pois nunca é demais, principalmente para mim, que estou em formação.”

“Parabéns a equipe que está envolvida na organização desse evento.

Acredito que se deve divulgar um pouco mais... Assuntos sobre educação são sempre bem-vindos e enriquecedores. Parabéns”

“Evento ótimo... Nós aprendemos novos conhecimentos para transmitir no nosso trabalho... e no cotidiano. Parabéns.”







## REFERÊNCIAS

---

BIAGGIO, Rita de. **Mês da Consciência Negra terá marcha, oficina de turbante e encontro, em Embu das Artes.** 2015. Disponível em: <<http://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/8810/mes-da-consciencia-negra-tera-marcha-oficina-de-turbante-e-encontro-em-embu-das-artes>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

DE OLHO nos planos: Por uma participação que faça dos Planos de Educação um avanço na garantia de direitos!. Por uma participação que faça dos Planos de Educação um avanço na garantia de direitos!. Disponível em: <<http://www.deolhonosplanos.org.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

PERISSÉ, Gabriel. **Violência não... mas conflitos sim. 2010.** Disponível em: <<http://palavraseorigens.blogspot.com.br/2010/05/violencia-nao-mas-conflito-sim.html>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

PSICÓSMICA. 2015. Disponível em: <[www.psicosmica.com201509genero-abordagens-teoricas-e-o-conceito.html](http://www.psicosmica.com201509genero-abordagens-teoricas-e-o-conceito.html)>. Acesso em: 09 ago. 2016.





**Francêso de Araújo Lopes**

Licenciado em Ciências Biológicas, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Mestre em Ensino de Ciências da Natureza, Professor de Biologia do IFRN Campus João Câmara, Coordenador do Projeto InCampus/JC – Ciclo Dialógico.



**Éilton de Souza Costa**

Cientista social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte com Pós-graduação em Antropologia do comportamento urbano pela mesma instituição, Intérprete da Língua Brasileira de Sinais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN Campus João Câmara.

As atividades editoriais do que hoje denominamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, iniciaram em 1985, no contexto de funcionamento da ETRN. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas, como a revista ETRN, que em 1999 tornou-se a revista Holos.

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional, bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.



INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
RIO GRANDE DO NORTE

O projeto InCampus/JC – Ciclo Dialógico se caracteriza como um ciclo de encontros mensais abertos à comunidade externa. O objetivo geral do projeto é estreitar as relações entre o IFRN-Campus João Câmara e a comunidade da Região do Mato Grande por meio da troca de conhecimentos e experiências, a partir de ciclos dialógicos que contemplam temas de interesse público já mencionados anteriormente.

